

O POVO BRASILEIRO SOB A ÓTICA DE ALGUNS PENSADORES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

AVANÇO DE INVESTIGAÇÃO EM CURSO

Grupo de Trabalho 17: Pensamento Latino-americano

Ana Paulla da Silva Almeida

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a formação do povo brasileiro sob a ótica das ciências sociais, tendo como eixo principal as análises de Darcy Ribeiro em "O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil" e Sérgio Buarque de Holanda em sua obra "Raízes do Brasil". O artigo propõe uma leitura que entrelaça as análises dos dois autores, a fim de refletir sobre alguns aspectos acerca das interpretações feitas sobre o Brasil, tendo em vista a formação deste País enquanto povo e como Nação. No entanto, correlacionar outros autores que contribuíram para a consolidação das ciências sociais no Brasil também consiste nas explanações deste trabalho.

Palavras chave: O Povo Brasileiro, Ciências Sociais no Brasil, Pensamento Social Brasileiro.

1) INTRODUÇÃO

O trabalho aqui proposto é resultado de pesquisas e debates teóricos vinculados ao Grupo de Estudo e Pesquisa em Política e Sociedade - GEPPS desenvolvido na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. As análises aqui realizadas buscam entender o que consiste em "Povo Brasileiro" para autores que são considerados intérpretes do Brasil e como o trabalho destes foi importante para a consolidação das Ciências Sociais no Brasil. O eixo central deste artigo se pauta nas obras de Darcy Ribeiro e Sérgio Buarque de Holanda, sendo elas: "O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil" e "Raízes do Brasil".

Para entender a consolidação das Ciências Sociais no Brasil foi imprescindível à leitura de clássicos do pensamento social brasileiro como Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes; o contemporâneo Francisco Weffort, entre outros que, em suas sínteses amplas de interpretação histórica do Brasil, fomentaram interesses por estudos a respeito da cultura e identidade brasileira. Intelectuais que uniram seus interesses acadêmicos em prol de um profícuo diálogo entre ciência, historiografia, cultura e sociedade. Diálogo alinhavado com propriedade pelo próprio Sergio Buarque de Holanda, um dos autores que formam o eixo principal de análise precedida neste trabalho.

O Brasil é visto pelas outras nações a partir de diversos aspectos, muitos foram os personagens que contribuíram para essa visão, como por exemplo: O compositor e maestro Heitor Villa-Lobos; O poeta Carlos Drummond de Andrade; O escritor Mário de Andrade; O compositor e radialista Ary Barroso; O educador Anísio Teixeira; A musa Carmen Miranda; O pintor Cândido Portinari; Os grandes nomes da música como Chico Buarque e Tom Jobim, entre muitos outros. Mas, cabe-nos também lembrar de como o futebol, o carnaval e o famoso "jeitinho brasileiro" aparecem como um dos principais fenômenos culturais preponderantes na identidade brasileira; e a cristalização dessa imagem se introduziu sobre o senso-comum não só dentro do País, como obteve um alcance internacional. Mas, ao contrário do que meramente está pautado na visão do senso-comum, alguns pensadores procuram explicitar o Brasil a partir de suas raízes históricas. E assim entendendo as consequências da escravidão e do sistema latifundiário sobre a distribuição de renda da população; às questões raciais, políticas e

sociais "O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil" e "Raízes do Brasil" são duas obras que nos permite entender o caráter multifacetado do que se convencionou chamar de "o povo brasileiro".

Diferentemente das interpretações superficiais e em se tratando de Darcy Ribeiro na sua obra "O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil" vê-se o esforço deste intelectual brasileiro em tecer sua narrativa em torno das especificidades de doze processos civilizatórios, com dezoito formações socioculturais distintas, dentre as quais os povos americanos. O autor desafia determinismos e coloca a história a favor da formação do povo brasileiro. A partir dessa obra vê-se que as ciências sociais possuem um papel imprescindível ao oferecer estudos críticos que nos permitem reconhecer história e símbolos para a compreensão de um povo. A importância desta obra está na forma diferenciada como Darcy Ribeiro interpreta a formação do Povo Brasileiro oferecendo-nos uma visão contemporânea em uma linguagem simples que contempla vários públicos.

Na tentativa de também compreender a realidade brasileira, o intelectual brasileiro Sérgio Buarque de Holanda busca delinear numa perspectiva weberiana o tipo ideal do homem brasileiro. Nesse sentido, recorre ao estudo da sociedade brasileira, a partir do qual compreende que o atraso histórico de desenvolvimento do Brasil tem relação com a forma de o brasileiro lidar com a coisa pública, forma esta relacionada ao chamado "jeitinho brasileiro", que Buarque nomeia homem cordial. Em seu livro "Raízes do Brasil" Sérgio Buarque de Holanda faz uma representação de como o brasileiro lida com as suas relações pessoais e institucionais. Para ele a cordialidade do brasileiro se expressa num comportamento pouco ético e em que se verifica a dificuldade de se cumprir normas sociais estabelecidas. Sob um comportamento característico de generosidade, de hospitalidade esconde-se um caráter que se aproveita da proximidade para se estabelecer o domínio do privado sobre o público. Seria então esse comportamento típico do povo brasileiro de lidar com a coisa pública que contribuía para o atraso do país.

No entanto, correlacionar autores que contribuíram para a consolidação das ciências sociais no Brasil consiste em um dos objetivos do proposto trabalho. Tomou-se como base metodológica para essa correlação a obra de Francisco Weffort, a qual o autor propõe-se a oferecer uma "introdução ao pensamento político brasileiro". Onde esboça uma linha de formação deste pensamento por meio de alguns autores eleitos com figuras de grande relevo para a consolidação das Ciências Sociais no Brasil, visando o contexto histórico e intelectual em que foram produzidos os debates. O presente trabalho também busca reconhecer o contexto sócio histórico em que se inspiravam os autores que são vistos como figuras de grande relevo para a consolidação das Ciências Sociais no Brasil que na postura de intelectuais, expressaram um maior compromisso com a tarefa de compreender a realidade sociopolítica brasileira em que viviam.

2) A IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

Nas décadas de 1930 e 1940, o Brasil passa a olhar para si mesmo buscando uma identidade cultural e social que lhe fosse própria. A identidade nacional brasileira é uma construção que reúne elementos socioculturais diversificados, provenientes de diferentes grupos etnológicos. A partir do momento em que "o povo brasileiro" passa a ser objeto de estudo, a correlação de elaborações conceituais de muitos pensadores contribui para a construção da identidade nacional brasileira. Entender essa identidade implica entender o reconhecimento das diferenças, da pluralidade que a constitui, advinda da integração racial e cultural e também da diversidade geográfica, porque "ser brasileiro significa viver em um país geograficamente diferente da Europa, povoado por uma raça distinta da europeia." (Ortiz, 1994, p. 17).

A miscigenação etnológica aliada à diversidade geográfica do País são características marcantes na construção da identidade nacional brasileira, pois, segundo Ortiz, "Na realidade, meio e

raça se constituíam em categorias do conhecimento que definiam o quadro interpretativo da realidade brasileira.” (1994, p. 16). Em Casa Grande e Senzala, Gilberto Freyre rompe com o peso das teorias raciais europeias que, concebiam a mestiçagem como degeneração. Freyre cria o paradigma da cultura mestiça que permite pensar positivamente o lugar do mestiço na identidade nacional. “Gilberto Freyre transforma a negatividade do mestiço em positividade, o que permite completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada.” (Ortiz, 1994, p. 41).

Ao evidenciar o hibridismo e a ambiguidade do sincretismo racial como características de uma identidade nacional brasileira, Gilberto Freyre foi um dos primeiros a influenciar aos brasileiros acreditarem ser deveras um povo mestiço. Pois para ele, “Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo (...) a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena e do negro.” (FREYRE, 2003, p.191). Entretanto, o povo brasileiro ainda traz consigo juízos em relação à sua mestiçagem, como mazelas de uma inferioridade racial diante das raças “puras”, “civilizadas” e “desenvolvidas”. Vê-se então uma concepção etnocêntrica onde o modelo sociocultural europeu ou estadunidense é o ideal. Darcy Ribeiro, nos chama a atenção de que não há um Brasil, mas “os brasis”. O Brasil crioulo, caboclo, sertanejo, caipira e os “brasis sulinos”: gaúchos, matutos e gringos. Certa perda de identidade do branco, do negro e do índio (no processo de miscigenação) fez surgir “o brasileiro”! Povo “misturado”. É preciso que o povo brasileiro reconheça-se nessa heterogeneidade, assumindo-a como representativa de sua realidade sociocultural, nem inferior, nem superior às demais, apenas diferente. Única.

3) DARCY RIBEIRO E SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: PARA ENTENDER AS ORIGENS DO BRASIL

Entender o sentido do que caracteriza o povo brasileiro é muito mais do que um desafio, constituísse num longo e detalhado processo de trabalho. A fim de tornar o povo brasileiro "explicável" autores como Darcy Ribeiro indicam um conjunto teórico a partir do contexto histórico. Ribeiro se incumbem de entender as razões que levaram este povo a diferenças sociais tão profundas no processo de formação nacional. As análises de Darcy Ribeiro em "O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil" nos leva ao seguinte questionamento: Os brasileiros entendem, se sentem e se comportam como um só povo, pertencente a uma mesma etnia? Há certas unidades a levar em consideração, porém isso não Essa unidade significa nenhuma uniformidade, pois o processo de urbanização contribuiu para uniformização dos brasileiros, sem eliminar suas diferenças. Fala-se em todo o país o mesmo idioma só diferenciado por sotaques e gírias regionais. Entretanto, para entender o Brasil enquanto povo e nação é necessário analisar além da compilação de etnias, buscando assim as especificidades que fomentaram as relações sociais desde a colonização.

Os primeiros contatos étnicos se deram através da relação do europeu português com o índio, para os europeus os indígenas pareciam belos seres inocentes, que não tinham noção de "pecado", porém com um grande defeito: eram "vadios", preguiçosos não produziam nada que pudesse ter valor comercial. A princípio serviam apenas para ser vendidos como escravos, mas com a descoberta de matéria-prima os índios passam a ser uma conveniente mão de obra. Ocorreu assim uma forma de miscigenação um tanto quanto opressora, onde houve uma troca de serviços entre indígenas e portugueses. O branco mantinha relações sexuais com índias e então se tornava cunhado das tribos, o branco penetrou na cultura indígena através deste tal "cunhadismo", por meio desse costume foi iniciada a formação do povo brasileiro. E da união das índias com os europeus nasceu um povo mestiço que efetivamente ocupou o Brasil. Na barriga das mulheres indígenas cresciam indivíduos que não eram indígenas, nem europeus, pois os europeus não os aceitavam como iguais. O que eram então? O que significavam eles do ponto de vista étnico?

Ribeiro também discorre a respeito da exploração negra no processo de constituição da sociedade brasileira, Darcy Ribeiro começa a descrever como foi acontecendo a “gestação do Brasil” e dos brasileiros como um povo. Nessa reconstituição ele fala da união ocorrida entre portugueses, índios e negros, matrizes étnicas do brasileiro. Um povo novo que, de acordo com Darcy, se enfrentam e se fundem, fazendo surgir, "num novo modelo de estruturação societária". Para ele, essa mestiçagem fez nascer um novo gênero humano. Nova gente, mestiça na carne e no espírito. Segundo Darcy (1995) essa gente fez-se diferente:

“Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiça, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas naturais. Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos exista. Povo novo ainda, porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização socioeconômico, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial. Novo, inclusive, pela inverossímil alegria e espantosa vontade de felicidade, num povo tão sacrificado, que alenta e comove a todos os brasileiros”. (p. 19)

Darcy Ribeiro também analisou a história brasileira dividida em cinco formadores regionais, a cultura crioula, cabocla, gaúcha, caipira e a cultura sertaneja. Divididas em territórios específicos, a cultura crioula, desenvolveu-se no litoral nordestino; a caipira, que se formou nas áreas ocupadas pelos mamelucos paulistas; a sertaneja, desenvolvida na área que se desdobra desde o Nordeste até os cerrados do Centro-Oeste; a cabocla, que correspondente à população amazônica e a gaúchas, formada no sul do país. Outras instituições que tiveram grande influência na gestação étnica do Brasil foram as donatarias e as reduções, onde os índios viviam submetidos às ordens dos missionários. No ponto de vista de Darcy o Brasil tem sido, ao longo dos séculos, um terrível moinho de gastar gentes. O fato é que se gastaram milhões de índios, milhões de africanos e milhões de europeus, "cujo resultado principal foi fazer surgir como entidade étnica e configuração cultural um povo novo, destribalizando índios, desafricanizando negros, deseuropeizando brancos." (RIBEIRO, 1995, p.179).

De forma geral, Darcy Ribeiro analisa os brasileiros em sua condição de povo, com ampla miscigenação, levada a efeito pela integração racial das diferentes etnias que para aqui vieram e se somaram aos povos indígenas não exterminados. Sendo os ibéricos os colonizadores vieram explorar a terra brasileira e partir do seu contato com os índios deram origem aos mamelucos, os negros chegaram como escravos e eram separados dos seus grupos nativos de origem, reunidos aos outros escravos negros, de etnias diferentes às deles, passaram a se manifestar na linguagem do dominador comum: os portugueses. Analisa também outros povos imigrantes que chegaram ao Brasil como os franceses e os holandeses que se assentaram em determinadas regiões brasileiras durante as suas invasões: no Norte, no Nordeste e no Sudeste brasileiro.

No início do século XX, também chegaram novos imigrantes europeus e, também, os japoneses e os árabes. Fugiam da precariedade em que se encontravam nos seus próprios países e atendiam a um programa oficial de imigração do governo brasileiro. O Brasil oferecia a esses imigrantes condições de trabalho nunca possibilitadas aos brasileiros que viviam marginalizados dos setores dinâmicos produtivos nacionais. Diante desta multiplicidade de características, "Nós, brasileiros, nesse quadro, somos um povo em ser, impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que aqui a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Nela fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo." (RIBEIRO, 1995, p.453).

Sérgio Buarque de Holanda, ao lado de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, é considerado como um dos principais ideólogos e pensadores do Brasil. Sérgio desenvolveu teorias que mudaram a forma de pensar o Brasil. Raízes do Brasil, sua principal obra, foi publicada em 1936, e causou grande

impacto. Apenas três anos antes, Gilberto Freyre havia revolucionado a historiografia brasileira ao lançar *Casa Grande e Senzala*. A obra de Sérgio divergia tanto da historiografia que vinha sendo feita quanto da obra de Freyre. Neste livro, discute o choque entre a tradição e modernidade na sociedade brasileira. Para tal, ele busca nas raízes desta sociedade uma explicação para o atraso social existente no país, produzindo, ao mesmo tempo, hipóteses para uma possível superação deste retrocesso. Segundo ele, a formação do Brasil contemporâneo está diretamente ligada às origens da sociedade brasileira, ou seja, está atrelada à colonização e ao seu legado cultural, político e institucional. Assim, o tradicionalismo da política brasileira vem de seu passado ibérico, ou seja, de suas raízes.

Sérgio Buarque percebe que a modernização é impedida pela herança de uma tradição ibérica e que a absorção das instituições portuguesas, dotadas de uma historicidade própria, traz consigo uma incompatibilidade com o ideal de desenvolvimento democrático e modernizado, evidenciando uma incapacidade de mudança adaptativa às necessidades existentes. É através desta compreensão que ele formula alguns conceitos fundamentais de sua obra.

O primeiro conceito que ele usa para explicar a sociedade através de suas origens é a cultura da personalidade. Para ele, a cultura da personalidade é a frouxidão de laços sociais que implicam em formas de organização solidária e ordenada. É uma cultura que atribui valor ao indivíduo autônomo e não à organização espontânea, formada pela coesão social. Por sua vez, este predicado está intimamente ligado à outra herança ibérica, que é a repulsa ao trabalho.

Seguindo a análise feita por Sérgio Buarque de Holanda, encontra-se o terceiro conceito por ele formulado, o ruralismo. É nesta característica que aparece outro grande componente da sociedade brasileira, a família patriarcal. É a partir desta outra herança ibérica que este estudioso propõe a quarta consideração sobre o tradicionalismo brasileiro, o homem cordial. Por sua vez, este é o símbolo da relação social sem formalidade, que leva para a vida pública a vida privada, ao propor acesso à existência política através de relações sociais de proximidade e afetividade. O homem cordial não se dá com a relação fria do Estado, e por isso essa instituição é tão fraca entre os ibéricos. Além disso, essa cordialidade não pressupõe bondade, mas apenas identifica que o homem cordial não se guia pela racionalidade, e sim pelas suas emoções. Assim, essa emotividade pode ser boa ou má, apenas não será guiada pela razão.

Sérgio Buarque vai construindo um panorama histórico no qual ele inserirá o “homem cordial”, que nada mais é do que fruto de nossa história, que vem da colonização portuguesa, de uma estrutura política, econômica e social completamente instável de famílias patriarcais e escravagistas. Na tentativa de compreender a realidade brasileira, o intelectual brasileiro busca delinear numa perspectiva weberiana o tipo ideal do homem brasileiro. Nesse sentido, recorre ao estudo da sociedade brasileira, a partir do qual compreende que o atraso histórico de desenvolvimento do Brasil tem relação com a forma de o brasileiro lidar com a coisa pública, forma esta relacionada ao chamado “jeitinho brasileiro”, que Buarque nomeia de “homem cordial”.

Em seu livro “*Raízes do Brasil*” Sérgio Buarque de Holanda faz uma representação de como o brasileiro lida com as suas relações pessoais e institucionais. Para ele a cordialidade do brasileiro se expressa num comportamento pouco ético e em que se verifica a dificuldade de se cumprir normas sociais estabelecidas. Sob um comportamento característico de generosidade, de hospitalidade esconde-se um caráter que se aproveita da proximidade para se estabelecer o domínio do privado sobre o público. Seria então esse comportamento típico do povo brasileiro de lidar com a coisa pública que contribuía para o atraso do país. Ele afirma: “A contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro (...)” (HOLANDA, 1995, p.146).

4) O PASSADO NO PRESENTE: INTERPRETAÇÕES ACERCA DE GILBERTO FREYRE

Com Freyre podemos observar as relações raciais na formação do pensamento social brasileiro. Gilberto Freyre, por sua vez, considera que sua análise teria a vantagem de, a partir da cultura, tratar da economia, enxergando aquilo que está por trás da produção no latifúndio e, conseqüentemente, da formação da própria família patriarcal brasileira. Freyre interpreta o grande tema de formação do pensamento político brasileiro, a saber, o povo como assunto tratado por intelectuais. É em “Casa Grande e Senzala” Freyre faz uma interpretação acerca da formação da sociedade patriarcal brasileira.

Em sua abordagem ele diz que no Brasil ocorreram proximidades e influências entre as culturas dominante e dominada. A abordagem culturalista de Freyre sugere que a proximidade entre as culturas explicaria o caráter sincrético de nossa formação social. Em Casa Grande e Senzala, Freyre enumera detalhadamente ao longo de todo o livro as possíveis influências dos diversos povos que contribuíram para sua formação, destacando como elemento fundamental a miscigenação racial. Analisa também que a relação do português com o negro e o índio, propiciou a formação étnica, econômica, social e cultural do Brasil. O português aparece como o motor e idealizador do processo de colonização, além de dominador.

Ele defende que a compilação entre a Casa Grande e a Senzala representava todo um sistema econômico, social, político, religioso e sexual. Já a miscigenação existente corrigiu a distância social entre negros e brancos no Brasil. É interessante notar que Freyre também parte do argumento econômico para explicar a estrutura social. Segundo ele, a estrutura social que se concretizou foi fruto do sistema de produção da época. A tese central de Gilberto Freyre pode ser compreendida pela que ele mesmo chamou de equilíbrio dos antagonismos. A Casa Grande seria o símbolo da inexistência do conflito entre senhor e escravo. Além de dividirem o mesmo espaço entre a Casa Grande e a Senzala, senhor e escravos tinham suas distâncias sociais reduzidas com as constantes relações sexuais que mantinham, sendo assim uma forma a equilibrar os antagonismos da sociedade.

Em relação a Sérgio Buarque de Holanda pode-se notar algumas divergências intelectuais as ideias de seu contemporâneo Gilberto Freyre. O momento em que os dois autores escrevem é marcado pela crise da oligarquia brasileira que consistiu na transferência do poder do nordeste agropecuário para o poder do sudeste urbano. Gilberto Freyre não simpatiza com esse “progresso” e em sua obra faz um grande elogio ao passado, defendendo a retomada daqueles valores que já estavam sendo superados. Em contrapartida, Sérgio Buarque busca uma ruptura com o passado, segundo ele o nosso passado colonial deveria ser superado para que pudéssemos ter uma eficaz organização política, pois projeta no futuro a mudança e o avanço da sociedade, isso se clarifica quando o mesmo afirma:

“A falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta à tradição, a certa tradição, a única defesa possível contra nossa desordem. [...] As épocas realmente vivas nunca foram tradicionalistas por deliberação.” (HOLANDA, 1995, p. 33).

Esse passado a ser superado está associado às origens coloniais, as ações dos portugueses no Brasil. O autor faz críticas aos valores tradicionais e familiares predominantes até hoje sobre o âmbito da política, a não ruptura entre o público e privado, o que para Holanda consiste no que há de pior na formação da sociedade brasileira, pois se torna impossível qualquer tipo de organização racional política do Estado. Uma visão contrária a Gilberto Freyre, que defende que tal aspecto é o que há de mais belo na sociedade brasileira, as relações íntimas, passionais, afetivas. Essa seria então a herança

cultural deixada pelos portugueses e que Sérgio Buarque de Holanda quer esquecer enquanto Gilberto Freyre busca manter.

5) ENTENDENDO O CONTEXTO HISTÓRICO DAS IDEIAS

No começo da década de 1920, surgiu no Brasil um grande movimento intelectual para poder compreender e explicar melhor o país. Em 1942 Caio Prado Júnior publica uma das obras mais comentadas e importantes da historiografia brasileira do século XX, “Formação do Brasil Contemporâneo”. O processo de formação do Brasil é desenvolvido por Caio Prado Jr. através daquilo que denomina “O sentido da colonização”, sua análise do período colonial brasileiro toma como pauta o início do século XIX, momento considerado síntese dos três séculos de colonização, momento chave para interpretar o Brasil que o autor vivencia e para encontrar um sentido para o País. O sentido da colonização estaria nos três séculos de exploração metropolitana, no que tange de fundamental e permanente, ou seja, nos fins mercantis e no povoamento necessário para a organização de gêneros tropicais rentáveis para o comércio. A colonização dos trópicos fez surgir uma sociedade original, baseada numa empresa do colono branco, de caráter mercantil, para produção de gêneros de grande valor comercial, com trabalho de indígenas ou negros africanos. Este conceito de Caio Prado foi um esforço de pensar o capitalismo mundial articulado à colonização do Brasil. As obras de Caio Prado Jr., publicadas nas décadas de 1930 e 1940, foram marcos importantes na mudança de perspectiva da historiografia e da sociologia brasileiras.

Durante os anos 1930, o Brasil passava por uma grande mudança, onde a sociedade brasileira deixava de ser uma sociedade baseada na economia agropecuária e passava então a ser dominada pelo capitalismo industrial. Com isso, houve grandes transformações nas estruturas sociais, onde novas classes emergiram: proletariado, burguesia e classes médias. Consequentemente, tal fato acabou gerando uma mudança substancial das mentalidades dos intelectuais brasileiros em relação ao futuro do país, onde estes começam a discutir as questões referentes à identidade do Brasil e ao progresso da nação. Lilia Schwarcz e André Botelho, em “Um enigma chamado Brasil. 29 intérpretes e um país.” nos traz uma coletânea de artigos que nos permite acompanhar e entender diferentes momentos sobre o pensamento social no Brasil.

Em especial, nas décadas de 1920 e 1930 o pensamento social brasileiro estava centrado em análises da formação da sociedade brasileira, abordando questões como: escravidão, abolição, índios, negros. De 1930 a 1964, com a retomada dos estudos sobre o “povo brasileiro”, pensadores embarcaram suas pesquisas de modo a “redescobrir o Brasil e a sua história”, de 1964 a 1985, com o Regime Militar, houve um recuo dos estudos monográficos sobre a história do pensamento político e social brasileiro, que passaram a ser produzidos com o surgimento das primeiras universidades no país, a partir da década de 1920, mas nos anos de 1986 a 1999, vivenciou-se um período marcado por um momento de (re) interpretação dos estudos “clássicos” sobre a história do pensamento político e social brasileiro, em função do desenvolvimento dos cursos de pós-graduação em Ciências Sociais e em História, retomando a análise de autores, obras e momentos históricos.

Francisco Weffort, em seu livro “Formação do Pensamento Político Brasileiro” para entender o pensamento político no Brasil e seu processo de formação, traça análises que nos permite clarificar as ideias desenvolvidas pelos outros autores ora citados neste texto, Weffort os analisa como os protagonistas desse processo de formação são, assim, não somente aqueles que exerceram “[...] a precedência e a influência na formulação de ideias relevantes para a formação do povo e do Estado”, mas, também, os que exerceram “influência prática” sobre estes temas em sua época, ou seja, os “homens de ação” (WEFFORT, 2006, p.12).

O mesmo Octavio Ianni discorre a respeito Florestan Fernandes, que é visto como um dos principais pensadores latino-americanos e que, de fato, contribuiu para a consolidação das Ciências Sociais no Brasil, em especial, no campo da Sociologia. Nas palavras de Octavio Ianni (1996):

“A sociologia de Florestan Fernandes inaugura uma nova época na história da sociologia brasileira. Não só descortina novos horizontes para a reflexão teórica e a interpretação da realidade social, como permite reler criticamente muito do que tem sido a sociologia brasileira passada e recente. Permite reler criticamente algumas teses de Silvio Romero, Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire e alguns outros. Simultaneamente, retoma e desenvolve teses esboçadas por Euclides da Cunha, Manoel Bonfim, Caio Prado Júnior e outros. A partir desse diálogo, a sociologia de Florestan Fernandes inaugura uma nova interpretação do Brasil, um novo estilo de pensar o passado e o presente. Em uma formulação muito breve, pode-se afirmar que a interpretação do Brasil apresentada por Florestan Fernandes revela a formação, os desenvolvimentos, as lutas e as perspectivas do povo brasileiro.”

O pensamento de Florestan Fernandes contribuiu para o entendimento da realidade social do país, a partir de um processo analítico de reconstrução histórica, social e econômica do povo brasileiro. O autor também buscou analisar sobre as possíveis condições de transformação social, condições que contribuiriam para superar os constrangimentos socioeconômicos impostos pelos resquícios ainda presentes da ordem social senhorial e escravista.

6) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compilando as ideias dos autores mencionados, observa-se o quanto que a população brasileira é miscigenada, pois inúmeros povos contribuíram para a formação deste povo. Assim, inicia-se uma análise através de uma perspectiva histórica, explicando as relações de diversidade como fruto de exploração indígena, mão de obra escrava negra e imigração.

A diversidade é o elemento central pra se entender o povo brasileiro. Os mestiços formam o primeiro momento da diversidade instaurada. A primeira marcante mistura acontece no momento em que se deu o contato entre portugueses e índios, em uma relação dicotômica entre “selvagens” (índios) e “civilizados” (europeus). Após a resistência indígena em relação à exploração de sua força de trabalho, marcou-se na história do Brasil a chegada dos africanos que trouxeram consigo suas referências culturais. Tempos depois, o País depara-se com mais referências culturais advindas de imigrantes como italianos, alemães, holandeses, poloneses, japoneses.

Fazendo parte de uma grande geração de intelectuais, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. releem a história do Brasil de um novo lugar social, que é a universidade brasileira. Por sua vez, esta instituição tem suas normas, modelos, práticas e preocupações, situação que vai estruturar toda uma leitura de redescoberta das origens do país, na qual a sociedade figura como tema principal. Desta maneira, estes estudiosos percebem a história nacional não apenas através de sua política e de suas elites, mas também através de sua cultura, suas raízes e suas tradições.

Ao analisar o Brasil contemporâneo através do desenvolvimento de sua sociedade, estes pesquisadores exibem em seus trabalhos algo em comum, ao mesmo tempo em que diferenciam suas leituras através de suas referências teóricas, de seus instrumentos metodológicos e de suas demandas particulares. Devido a estas circunstâncias, o que se percebe são divergências e corroborações nos trabalhos propostos por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr., que ao estudarem a temática das origens da sociedade brasileira, apresentam importantes obras para a historiografia nacional.

Nessa perspectiva, intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, Gilberto Freire, Florestan Fernandes e Caio Prado Junior são nomes importantes para se pensar a consolidação das Ciências Sociais no Brasil, os quais também contribuíram como “explicadores do Brasil”, ou seja, por meio de suas obras procuraram tornar o país mais inteligível aos próprios brasileiros, apesar de obterem interpretações e perspectivas metodológicas distintas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, O. “*Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial*”. In: *Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

BRANDÃO, G. M. *Linhagens do pensamento político brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 2007.

BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. *Um enigma chamado Brasil. 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FREYRE, G. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 49ª Ed. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IANNI, O. *A Sociologia de Florestan Fernandes. Estud. av.* [online]. 1996, vol.10, n.26, pp. 25-33. ISSN 0103-4014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141996000100006>.

ORTIZ, R. *Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX*. In: _____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994. cap. 1, p.13-35.

ORTIZ, R. *Estado, cultura popular e identidade nacional*. In: _____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994. cap. 2, p.37-44.

PRADO J. C. *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

WEFFORT, F. C. *Formação do Pensamento Político Brasileiro: ideias e personagens*. São Paulo: Ática, 2006.